

CHERNOBYL pelas lentes de POLIDORI

por Luiz Feldman

“Não há retorno. Adeus. Pripjat, 28 Abril 1986. Dois dias depois que explosões na usina nuclear de Chernobyl lançaram ao ar toneladas de materiais radioativos, esta mensagem foi escrita em um quadro negro de uma escola primária das redondezas. A mensagem lá está até hoje”.²⁰ O texto, do livro *“Zones of Exclusion: Pripjat and Chernobyl”*, deixa claro, desde logo, o enfoque através do qual o acidente nuclear é tratado pelo fotógrafo canadense Robert Polidori. Não são questionadas as falhas humanas e instrumentais ocorridas na madrugada de 26 de abril na usina. Busca-se averiguar o que aconteceu no palco da tragédia com o correr do tempo após o desastre. O cenário se divide entre a usina nuclear em si e a cidade de Pripjat, situada nas imediações daquela, moradia de cinquenta mil pessoas, cujo propósito geográfico era basear os trabalhadores do complexo.

O acidente em Chernobyl, causado por complicações derivadas de um teste de segurança realizado pelos engenheiros do complexo, ganhou proporções de desastre ambiental internacional porque explosões em um dos reatores nucleares da usina, a qual não atendia a níveis de segurança condizentes com seu porte, foram capazes de romper seu teto, permitindo a emissão de elementos altamente radioativos no ar. Estes elementos atingiram desde a vizinha Bielorrússia até diversas localizações da Europa Ocidental e da Ásia e também porções da América e África. Nos dias após a explosão, todos os residentes de Pripjat e de vilas e cidades dentro de um raio de trinta quilômetros da área do acidente foram removidos para outras localizações consideradas seguras, o mesmo valendo para algo em torno de duzentas mil pessoas de outras regiões afetadas. Esta área diretamente em torno de Chernobyl se transformou na “zona de exclusão”, que intitula a obra de Polidori.

Ali, quase duas décadas depois do acidente, não houve retorno. É certo que tímidas iniciativas de antigos moradores para voltar ao antigo lar não foram sistematicamente suprimidas pelas autoridades locais, mas, regra geral, é uma zona de exclusão, onde crianças são banidas e o acesso é controlado. Ainda haverá que se esperar algumas gerações até que jovens cresçam brincando nos campos ora contaminados por isótopos de Estrôncio-90 e Césio-137, entre outros cem elementos radioativos liberados no acidente. As construções na cidade de Pripjat sustentam-se criando uma atmosfera um tanto fantasmagórica, enquanto a usina nuclear resiste como pode: logo depois do acidente construiu-se um “sarcófago” de concreto em torno do reator explodido, que visava a proteger o meio ambiente das emissões radioativas das toneladas de urânio e plutônio remanescentes e demais perigos postos pela ruína. Uma



²⁰ Tradução livre de Culbert, Elizabeth. Em: POLIDORI, Robert. *Zones of Exclusion : Pripjat and Chernobyl*. Göttingen: Steidl, 2003.

década depois, entretanto, a camada de proteção já não oferece resistências a correntes de vento e animais que espalham a radiação de dentro para fora. Lembrando a candência da questão, uma autoridade da Organização das Nações Unidas recentemente expressou preocupação diante do fato de que *"the humanitarian consequences are still there, the suffering is still there, the humanitarian drama is still there - it is just that our political and social and media attention is gone"*, notando o fato de que as pessoas nas áreas afetadas sentem-se como que esquecidas pelo mundo.²¹

Esta consideração lança luz ao fato de que Chernobyl representa um extremo dentro de um espectro que se estende por países do antigo bloco soviético, como a Bulgária e a própria Federação Russa. Em ambas, usinas nucleares em condições de alta periculosidade operam, caso da usina nuclear de Kozloduy, no país que tem Sófia por capital, e da usina nuclear de Kola, na península de mesmo nome ao norte da Rússia européia. Reatores antiquados, sistemas de segurança precários, se existentes, e construções condenadas por padrões internacionais configuram uma situação de grave preocupação que, passados tantos anos desde o acidente em Chernobyl, parecem ter esmorecido, ao menos, nas considerações de seus próprios administradores.

A questão das usinas nucleares se associa diretamente à problemática de resíduos nucleares, que envolve políticas ambientalistas e a inerente incapacidade de integração das sobras de atividades atômicas ao meio ambiente. A situação russa oferece insumos para uma rica discussão sobre o lixo atômico: depara-se, naquele país, com o problema de estocagem/tratamento dos resíduos, que advêm tanto da área militar – por exemplo, da enorme frota de submarinos nucleares russos, muitos dos quais em alguma fase do processo de desativação – como do próprio setor de energia, com as usinas. Mais recentemente, embrenhando-se na prática de estocagem de resíduos nucleares, a Federação Russa têm recebido materiais desta sorte de outros países, esperando benefícios ocidentais pelo acolhimento. Qualquer que seja o ganho de tal negociação, este certamente não é capaz de superar a intratabilidade do material que, aos poucos, vai se acumulando na Federação Russa e em outros pontos do globo, abrindo espaço para a necessidade de um regime efetivo de disposição de resíduos nucleares.

"Não há retorno", adverte-nos o quadro negro de Pripyat.

Neste sentido, a Agência Internacional de Energia Atômica têm buscado *"international agreement on procedures for the safe termination of practices involving the use of radioactive material, including the decommissioning of nuclear facilities, and to provide advice and assistance in applying the procedures"*.²² Se, por um lado, há uma tal propensão na arena internacional, por outro é fundamental a consideração sobre o impacto do *"decommissioning of nuclear facilities"* proposto pela Agência. A situação da usina de Kozloduy na Bulgária é ilustrativa desta contraparte: ao passo que seu fechamento é pré-condição para a entrada búlgara na União Européia, sua produção é importante para o país em termos energéticos e sensível para sua região em termos sócio-econômicos.

Adicionalmente, no campo dos resíduos nucleares, atenta-se à pertinência da consideração sobre sua relação com um tópico candente da agenda internacional, qual seja, o uso dual de tecnologias nucleares. Alegando precisamente o desenvolvimento de tecnologia nuclear com fins pacíficos, países como a Coreia do Norte e o Irã, os párias do atual governo americano, envolvem-se em negociações dos mais diversos caracteres em busca de tais materiais. Ao passo que a Coreia do Norte optou por denunciar o Tratado de Não-Proliferação Nuclear evidenciando suas intenções ambivalentes quanto à manipulação do urânio sob seu controle, o Irã defende seu programa como legal por sua condição tecnológica e energética. Em Bushehr, russos e iranianos cooperam no que é a reativação do programa de energia nuclear iraniano, enquanto em Viena a Agência Internacional de Energia Atômica desvela planos de mísseis balísticos estratégicos iranianos fundamentados no desenvolvimento de ogivas nucleares cujo histórico científico remonta a laboratórios paquistaneses.²³ A necessidade de se demarcar um claro limite entre o uso de tecnologia nuclear para desenvolvimento tecnológico e uso nuclear para fins bélicos parece ser evidente para a comunidade internacional nestas circunstâncias. Neste contexto, insere-se a discussão sobre o controle dos resíduos nucleares do ciclo de utilização do urânio com propósitos energéticos, caso levantado pela comunidade internacional, em particular pelos Estados Unidos da América, em razão da cooperação russo-iraniana na usina de Bushehr, vez que, declara-se, todo o material atômico residual no Irã será reprocessado na Federação Russa e será por esta controlado.

²¹ "UN relief official seeks to spotlight overlooked suffering in Eastern Europe", United Nations News Center, 12/02/2004
Disponível em: <http://www0.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=9648&Cr=chechnya&Cr1=>

²² Disponível em: <http://www-rasnet.iaea.org/programme/waste-safety/residual.htm>.

²³ Em tempo hábil, notam-se os acontecimentos recentes no Paquistão, cujo principal cientista nuclear diz ter cooperado com projetos balístico-nucleares de países como Irã, República Popular Democrática da Coreia e Líbia.

Tal qual o acidente de Chernobyl, em que as autoridades da União Soviética nada declararam ao mundo, até que níveis de radiação na Suécia apresentaram tais alterações, forçando a publicização dos acontecimentos, o estado de coisas no campo da energia atômica e dos dejetos nucleares parece indicar uma misteriosa harmonia. Talvez seja necessário algum grande impacto para que se persigam políticas e soluções mais efetivas, particularmente no quesito da segurança de usinas nucleares, instalações e depósitos de material radioativo. É certo, entretanto, que, se não há retorno, como sustenta o quadro negro em Pripyat, com ou sem grandes impactos o problema levantado deverá ser abordado de maneira tão sustentável quanto possível.

Passados anos desde o acidente em Chernobyl, as imagens de Polidori dizem, sem mostrar. Em um lugar onde se teme um inimigo invisível, as imagens são aquilo que melhor pode relatar os fatos. A obra lança luz naquele extremo do espectro, permitindo também uma consciência sobre o que mais aconteceu desde então. A fotografia de Polidori torna-se uma contundente linguagem: diz a crítica Elizabeth Culbert que "se na superfície de suas fotografias há prédios, suas lentes estão focadas nas reminiscências e traços de vida", "não é um fotógrafo de arquitetura, e sim um fotógrafo de habitat".²⁴ Em Chernobyl, *habitat* perde seu aspecto eco-lógico para ganhar contornos radioativos, irreparáveis. A exclusão de Pripyat indica, à sua veemente maneira, um aspecto traumático da relação estabelecida entre o homem e seus desenvolvimentos nucleares.

²⁴ Ambos excertos: tradução livre de Culbert, Elizabeth. Em: POLIDORI, Robert. *Zones of Exclusion* : Havana. Göttingen: Steidl, 2001.